

CAFÉ CANEPHORA: NOVAS FRONTEIRAS PARA A CAFEICULTURA PAULISTA

Autores

Carlos Henrique Brioschi – Casa da Agricultura de Tupi Paulista/CATI Regional Dracena

Cláudio Giusti de Souza – CATI Regional Catanduva

Edson Tadashi Savazaki – Casa da Agricultura de Guaiçara – CATI Regional Lins

Fernando Takayuki Nakayama – Apta Regional de Adamantina

José Carlos Tolentino Prado – CATI Regional Tupã

Colaborador

Luiz Antônio dos Santos Vizeu – Indústrias Colombo S.A.

Revisão Técnica

Grupo Técnico de Cafeicultura/CATI

APRESENTAÇÃO

A cafeicultura sempre fez parte da história, cultura e economia do Estado de São Paulo. Ao longo do tempo, o produtor paulista mostrou capacidade de se adaptar, inovar e incorporar novas tecnologias para manter a atividade competitiva e sustentável. Nesse cenário de transformação, o café Canephora surge como uma nova oportunidade para fortalecer e diversificar a cafeicultura paulista.

O café Canephora (*Coffea canephora*), que engloba os grupos Conilon e Robusta, ocupa posição estratégica na cafeicultura mundial, representando cerca de 40% da produção global. Atualmente, esse segmento vem ganhando relevância em função da expansão do mercado de café solúvel e da utilização do Canephora como base para *blends* (misturas), em razão de sua elevada produtividade, maior resistência agrônômica e características sensoriais que conferem corpo e menor acidez à bebida.

No Brasil, embora o café Arábica ainda seja predominante, a produção de Canephora apresenta trajetória consistente de crescimento, especialmente nos Estados do Espírito Santo, de Rondônia e da Bahia. Atualmente, cerca de 30% do café produzido no país é da espécie Canephora. Neste contexto, o Estado de São Paulo desponta como uma nova fronteira para a cultura, com potencial de inserção progressiva nessa cadeia produtiva.

Com clones mais tolerantes que o Arábica em relação a nematoides, ferrugem, altas temperaturas e altitudes mais baixas, o Canephora vem conquistando o interesse de produtores paulistas, principalmente pela possibilidade de colheita automatizada ou semimecanizada, sendo incluído como uma das categorias avaliadas no Concurso Estadual “Qualidade do Café de São Paulo”, promovido anualmente pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento, que, diante desse cenário, lançou o Programa Canephora SP em 2025.

Por meio de ações articuladas de extensão rural e pesquisa, a Secretaria vem desempenhando papel fundamental na avaliação e introdução da cultura em diversas regiões com aptidão edafoclimática, especialmente no oeste paulista, promovendo a diversificação produtiva, a sustentabilidade dos sistemas agrícolas e o aumento da renda dos produtores rurais. As iniciativas incluem a validação de materiais genéticos, a difusão de tecnologias de manejo, a capacitação de técnicos e agricultores e o fortalecimento de políticas públicas voltadas à inovação no meio rural; ações que buscam oferecer segurança técnica ao produtor rural, reduzindo riscos e ampliando as chances de sucesso na implantação da cultura.

Hoje, este tipo de café faz parte das categorias avaliadas no referido concurso estadual do café. A CATI, com apoio de algumas empresas, enviou recentemente um pequeno grupo de técnicos para conhecer a cultura no Estado do Espírito Santo, sendo visitados os municípios de Boa Esperança, Nova Venécia e Linhares.

Diante desse cenário, esta publicação, elaborada com as principais dúvidas sobre o tema, reforça o compromisso da CATI em estar ao lado do produtor rural, apoiando caminhos que, com planejamento, assistência técnica e adoção das tecnologias e metodologias recomendadas, geram desenvolvimento sustentável, renda e uma cafeicultura cada vez mais diversificada e competitiva no Estado de São Paulo.



QUAIS AS DIFERENÇAS ENTRE OS CAFÉS CANEPHORA E ARÁBICA?

O gênero botânico do café é o *Coffea*. As espécies de *Coffea* mais cultivadas no Brasil e no mundo são a *Coffea arabica* (Arábica) e a *Coffea canephora* (Conilon ou Robusta), cujas diferenças entre si são:

- a variedade Canephora é notável em termos de teor de cafeína, acidez, resistência e condições de cultivo. Mais usada para café solúvel e *blends*. Resistente às altas temperaturas e ao calor;
- a variedade Arábica é preferida para uso em cafés especiais devido a sua complexidade sensorial. A bebida é mais complexa e aromática, com mais açúcares e uma acidez interessante, apresentando notas frutadas, florais ou de achocolatado. Mais suscetível a pragas e doenças.

QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE AS VARIEDADES CONILON E ROBUSTA?

Ambas são da espécie *C. Canephora* L., porém de origens diferentes. O grupo Congolês, denominado mundialmente de Robusta, tem origem na região equatorial do Congo e o grupo Guineano, denominado Conilon, tem origem na Guiné Equatorial. No Brasil, a variedade mais cultivada é a Conilon, com 65% do plantio localizado no Espírito Santo. No cenário mundial, o maior plantio é o de Robusta, principalmente em países africanos e asiáticos.

Principais diferenças

- **Folhas** – As folhas do Conilon são menores, mais claras e com bordas onduladas, enquanto as do Robusta são mais largas, rígidas e verde-escuras.
- **Frutos** – O Conilon tende a apresentar grãos mais irregulares, ao contrário do Robusta, que tem grãos mais arredondados.
- **Produção** – O Conilon tem alta produtividade e grande resistência natural a pragas, sendo cultivado em altitudes mais baixas. O Robusta, apesar de exigir mais manejo técnico, pode oferecer as mesmas características e uma maior uniformidade.

O CAFÉ CANEPHORA PRECISA SER IRRIGADO?

A planta do cafeeiro precisa de quatro a seis litros de água por dia. O café Canephora é tolerante à falta de água porque possui um sistema radicular vigoroso. No entanto é importante realizar análise física do solo para estimar sua capacidade de retenção e infiltração de água, visando à implantação adequada do sistema de irrigação.

Considerando que grande parte do Estado de São Paulo apresenta períodos prolongados de déficit hídrico, a irrigação é uma tecnologia recomendável para o café Canephora, especialmente quando se buscam maior estabilidade produtiva e expressão do potencial máximo da cultura. No entanto sua adoção deve ser avaliada caso a caso, levando-se em conta as condições edafoclimáticas, a capacidade de retenção de água do solo, o regime de chuvas local e a viabilidade econômica do sistema.



QUAL O CUSTO DE IMPLANTAÇÃO DE UM HECTARE DE CAFÉ CANEPHORA?

O investimento necessário dependerá de vários fatores como espaçamento, fertilidade do solo, valor das mudas, preparo do solo, adubações, manejo de ervas daninhas e sobretudo da necessidade de irrigação. Mas, em média, pode variar de R\$ 25 mil a R\$ 40 mil por hectare (custo de implantação e formação).

ONDE OBTER MUDAS DE QUALIDADE?

O produtor rural interessado em iniciar ou expandir as áreas implementadas com a cultura pode adquirir mudas em viveiros certificados do Espírito Santo e de Roraima. Os viveiros credenciados do Espírito Santo têm boa referência, organização e certificação dos clones utilizados, com condução e manutenção comprovadas na região. Se negociado o frete em grupo de produtores, as mudas chegam a São Paulo custando em torno de R\$ 3,00 cada, dependendo do clone.

Já em São Paulo, as mudas podem ser adquiridas na Fazenda Treviolo, localizada no município de Adamantina (ligado à área de atuação da CATI Regional Dracena). Ainda neste município, o Viveiro Robusta Raiz vem selecionando mudas para as condições do oeste paulista, cuja produção deve resultar em material disponível no médio prazo.

QUAIS AS CULTIVARES E/OU VARIEDADES ESTÃO EM DESENVOLVIMENTO EM SÃO PAULO?

Em **Adamantina** e **Lins**, foram selecionadas as variedade/clones: G35, 4V, 6V, Ypiranga 501, 12V, 2V, 6V, 7V, E75.

Em **Pratânia**, foram plantados 2V, 4V, 7V, E11 e 100.

Em **Catanduva**, foram plantados A1, LB1, P1, P2 e MP3.

Clones novos são lançados com frequência, com características interessantes, como maior tolerância a pragas e doenças e com produtividade superior. Atualmente, estão sendo avaliados 53 clones de Roraima. Na primeira avaliação (seis meses após plantio) estão se destacando:

LB15, BRS2336, ASY, 22E, P50, AS2, AS10, SK80 e R22 (apresentaram tolerância ao frio de 3°C).

No Estado do Espírito, já estão sendo cultivados alguns clones híbridos entre Conilon e Robusta. Estes têm apresentado uma produção inicial melhor do que o Conilon em cultivo irrigado, com um excelente vigor de plantas. Porém eles ainda não foram avaliados em São Paulo.



QUAL A ÉPOCA MAIS INDICADA PARA O PLANTIO DO CANEPHORA?

A época ideal para o plantio do café Canephora é entre os meses de outubro e março, no período da primavera/verão, visando garantir um bom desenvolvimento das plantas e diminuir a necessidade de irrigação.

O café Conilon prefere solos com textura média a argilosa, com teor de argila entre 15% e 35%, e sem compactação e plantas daninhas. Mas tendo em vista o plantio irrigado, essa época pode ser mais elástica. Devendo, no entanto, ter o cuidado de fugir do período propício às geadas.

Alguns materiais selecionados pela Apta Regional de Adamantina (Apta/SAA) têm se mostrado tolerantes às geadas de até 0°C, mas, em São Paulo, ainda se faz necessário selecionar um maior número de materiais tolerantes. Enquanto isso, o produtor, ao fazer o planejamento do plantio, deve dividir as áreas em talhões, conforme a inclinação do terreno, e implantar o plantio de quebra-ventos para proteção contra frio e ventos. Em dias de geada, pode utilizar também “FOG” para formação de fumaça, fazendo a proteção da lavoura.

Recomenda-se sempre implantar barreiras, quebra-vento e proteção solar na fase de formação.

QUAL A PRODUTIVIDADE MÉDIA NOS PRIMEIROS ANOS?

Pode variar de 40 a 80 sacas por hectare. Dependendo do mês de plantio, com aumento gradativo anualmente. Menor bienalidade em relação ao café Arábica.

É PRECISO FAZER DESBROTA?

Sim, pois esta prática melhora a exposição da planta à luz e ao ar, reduzindo doenças, além de facilitar tratamentos culturais como a colheita e o controle de pragas. A desbrota é feita manualmente, ou com auxílio de ferramentas, e pode ocorrer em diferentes épocas, especialmente durante o período de maior crescimento dos brotos.

As podas devem ser feitas de duas a três vezes por ano, se as áreas forem conduzidas para colheita manual ou semimecanizada; quando o manejo com o corte das ramas for realizado após a colheita, devem-se fazer de quatro a cinco desbrotas. Para colheita com automotriz, segundo produtores do Espírito Santo, não é necessária desbrota e a planta deve ter de um a dois ramos verticais.

Brotos excessivos: os ramos ortotrópicos (verticais) devem ser conduzidos em número adequado, geralmente de um a três por planta, conforme o espaçamento, evitando um excesso de crescimento de ramos que podem drenar a energia da planta, diminuindo a produção e dificultando o manejo da lavoura.

Brotos ladrões: devem ser eliminados assim que aparecem, para evitar que consumam energia e dificultem o manejo da lavoura.

QUAIS AS PRINCIPAIS PRAGAS E DOENÇAS QUE ATINGEM A CULTURA?

Em alguns materiais de Conilon: cochonilhas de raiz e rosetas; ácaros; broca e bicho-mineiro; cercospora; fusarium e ferrugem; bactéria (phoma).

QUAL A ÉPOCA DE COLHEITA?

Recomenda-se utilizar clones de ciclo médio, pois são mais estáveis que os precoces, com menor risco de iniciar o florescimento durante a colheita como nos clones de ciclo tardio. O período de colheita vai de maio a agosto, de acordo com o ciclo de cada clone.

Precoce – maio.

Mediano – junho/julho.

Tardio – agosto.

Supertardio – após a florada.

COMO É REALIZADA A COLHEITA?

A colheita do café *Canephora* pode ser feita de três maneiras:

- **manual** – para área declivosas, por empreita e por sacos;
- **semimecanizada** – estica-se uma lona de 3m de largura por 50m a 70m de comprimento na entrelinha do café. Essa lona pode ser esticada um dia antes ou no mesmo dia da colheita, numa quantidade compatível com a capacidade da máquina que irá recolhê-la. Podam-se as ramas que produziram mais de 50% de sua extensão na base do tronco, lançando-as sobre a lona. Deixar as ramas superiores com menor produção para o próximo ano. Essas devem ser derrichadas manualmente sobre a lona. Colocar a extremidade da lona no sistema de recolhimento das recolhedoras de café (fica estacionário no carreador) e recolher a lona

acionando a máquina que a recolhe. À medida que a lona vai sendo recolhida, os ramos caem no sistema de alimentação. Os grãos de café serão trilhados e armazenados no graneleiro da máquina. Neste sistema, a mão de obra necessária é de quatro pessoas para operação da máquina e de quatro a seis pessoas para manuseio da lona e poda (para uma área de até 30 hectares);

- **mecanizada** – feita com colhedoras de café, semelhantes às colhedoras de café Arábica, com algumas adaptações e regulagens especiais. Essa máquina derriça o café sem necessitar da poda dos ramos e armazena os grãos num graneleiro próprio ou os joga numa carreta auxiliar que acompanha a colhedora na entrelinha ao lado. Neste sistema, a mão de obra necessária é de um ou dois operadores de máquinas (colhedora + carreta).



QUAIS OS EQUIPAMENTOS E IMPLEMENTOS NECESSÁRIOS PARA O MANEJO E A COLHEITA DO CANEPHORA?

Para pequenas áreas, podem ser manuais, como roçadeiras e pulverizador costal. Recomenda-se formar grupos de produtores para fazerem uso de equipamentos coletivos, reduzindo os custos.

Para áreas médias, podem ser utilizados trator cafeeiro, roçadeira ecológica ou trincha, pulverizador/turbo, atomizador, carreta agrícola e colhedora/recolhedora.

Para grandes áreas, pode ser utilizada, entre outros, colhedora automotriz e/ou de esteira (semimecanizada).

COMO E ONDE O CANEPHORA PODE SER SECADO E BENEFICIADO?

O café pode ser secado em terreiro de concreto, terreiro de tela, secador rotativo e secador de leito fixo. Após a secagem, ele pode ser beneficiado em descascadores elétricos ou tratorizados na propriedade ou em cooperativas e prestadores de serviço.

ONDE OBTER CRÉDITO PARA IMPLANTAÇÃO DA CULTURA?

No âmbito estadual, o produtor pode obter recursos por meio do Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista (Feap) e Irriga SP. Outras linhas disponíveis são as do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar (Pronaf) e Programa Nacional de Apoio às Médias Propriedades (Pronamp).

Para mais informações e orientação técnica, procurar a Casa da Agricultura de seu município ou uma das 40 Regionais da CATI - Lista completa de contatos:

<https://agricultura.sp.gov.br/cati/enderecos/>

Apoio



CATI Responde – Número 66 – março/2026

Informativo da Diretoria de Assistência Técnica Integral (CATI)

Governador: Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-governador: Felício Ramuth

Secretário de Agricultura e Abastecimento: Geraldo Melo Filho

Secretário executivo: Alberto Amorim

Subsecretário de Agricultura e Abastecimento: Orlando Melo de Castro

Diretor da CATI: Ricardo Domingos Luiz Pereira

Coordenador da Coordenadoria de Extensão Rural: Alexandre Manzoni Grassi

Chefe do Serviço de Comunicação Rural: Bárbara Beraquet (MTb 37.454)

Jornalista: Cleusa Pinheiro (MTb 28.487)

Revisor: Carlos Augusto de Matos Bernardo

Designer Gráfico: Paulo Santiago

É permitida a reprodução parcial ou total mediante créditos da publicação.



**Secretaria de
Agricultura e Abastecimento**



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

Editado pelo Serviço de Comunicação Rural (SECOR) – SAA/CATI

Av. Brasil, 2340 – CEP 13070-178 - Caixa Postal 960 - CEP 13012-970 – Campinas (SP) – Brasil

Tel.: (19) 3743-3700 – Site: www.cati.sp.gov.br